

# Espaço para o desconhecido

**Concerto** Temporadas de música clássica têm cada vez mais obras inéditas ou pouco ouvidas. Por *Hilton Hida*, de São Paulo

É provável que nenhuma outra obra musical do repertório clássico tenha tanto apelo de público quanto a Nona Sinfonia de Beethoven. Por isso soa como ousada a decisão da Sinfônica do Estado de São Paulo de precedê-la por “Gruppen”, de Stockhausen, no concerto que inaugura a temporada da orquestra, dias 5 a 7 de março.

A ousadia não está propriamente na peça estreada em 1958 pelo então vanguardista Karlheinz Stockhausen (1928-2007), mas sim no fato de que ela requer a divisão da orquestra em três, cada uma com seu regente, sendo duas dispostas nas laterais da plateia. Isso significa abrir mão de assentos quando se sabe que não faltaria gente querendo ocupá-los para ouvir a “Ode à Alegria” com que Ludwig van Beethoven (1770-1827) concluiu sua última sinfonia.

O programa nessa apresentação da Osesp, que terá regência do diretor musical Thierry Fischer (além de Ricardo Bologna e Wagner Polistchuk em “Gruppen”), ainda inclui a orquestração de Heitor Villa-Lobos (1887-1959) para uma peça para órgão de Johann Sebastian Bach (1685-1750) e segue um padrão que se tornou comum nos últimos anos: a inclusão de obras pouco ouvidas ou mesmo inéditas em concertos ancorados por composições canônicas. Mas as organizações que anunciaram suas temporadas mostram uma disposição em levar isso além.

Tome-se o concerto de abertura da Filarmônica de Minas Gerais, também na primeira semana de março, no qual o diretor artístico Fabio Mechetti regerá a “Fanfarras para uma mulher incomum”, da americana Joan Tower, e a Sinfonia nº 3 da francesa Louise Farrenc (1804-1875) antes de acompanhar a russa-americana Natasha Paremski num concerto para piano de Piotr Ilich Tchaikovsky (1840-1893) — não o superpopular nº 1, e sim o nº 2. É razoável supor que a grande maioria dos espectadores ouvirá todas as três composições pela primeira vez.

É verdade que a maioria dos concertos da Filarmônica de Minas terá títulos bastante familiares aos frequentadores — como o Concerto para piano de Robert Schumann (1810-1856), em julho, que terá Cristian Budu como solista, ou a Quinta Sinfonia de Beethoven, em setembro. Mas Mechetti escolheu encerrar a temporada com outra obra bem pouco conhecida: a Sinfonia nº 1 do russo Vasily Kalinnikov (1866-1901).

A diversificação de repertório já pode ser vista esta semana, dias 23 a 25, no primeiro concerto da Sinfônica Municipal



Coro Monteverdi e English Baroque Soloists são destaque na temporada da Tucça

de São Paulo, a orquestra residente do Teatro Municipal, na qual a maestra Priscila Bonfim dirige peças de Cibelle Donza e Hekel Tavares (1896-1969), além de obras dos mais conhecidos, mas nem por isso corriqueiros, Francisco Mignone (1897-1986) e Villa-Lobos. Outro corpo artístico do Municipal, a Orquestra Experimental de Repertório, também apresenta um programa inteiramente brasileiro no dia 25: Polistchuk regerá obras de Gilson Santos, Dimitri Cerov, Clarice Assad, Villa-Lobos e José Antônio de Almeida Prado (1943-2010).

A temporada do Municipal de São Paulo terá vários outros exemplos do tipo. Um deles é o concerto de abril em que Bologna conduz a Sinfônica Municipal em programa com obras do grego Iánnis Xenáki (1922-2001), do húngaro Györgi Ligeti (1923-2006), do brasileiro Marcos Balter e do polonês Witold Lutoslawski (1913-1994).

Na programação de ópera do Municipal há “Intolleranza 1960”, de Luigi Nono (1924-1990), em maio, e um programa duplo com a inédita “Realejo”, de Jocy de Oliveira, e “Edipo Rei”, de Igor Stravinsky (1882-1971), em outubro. Também em São Paulo, o Teatro São Pedro estreia em novembro “Conceição Evaristo — Uma ópera escrivência”, de Juliana Ripke, com texto da própria Evaristo.

Mas é claro que não há apenas composições pouco conhecidas. Entre outras, o São Pedro encenará em abril “Orfeu no inferno”, de Jacques Offenbach (1819-1880), ópera que nos deu a música associada ao cancan. A temporada li-

rica do Municipal inclui um dos pilares do repertório, “Tristão e Isolda”, de Richard Wagner (1813-1883), em julho, e as populares “Don Carlo”, de Giuseppe Verdi (1813-1901), em setembro, e “Andrea Chénier”, de Umberto Giordano (1867-1948), em novembro.

Em concertos, o diretor musical do Municipal, Roberto Minczuk, regerá em maio a Ótava Sinfonia de Gustav Mahler (1860-1911), nome que é quase regra nas programações orquestrais atuais. É uma obra que só não se tornou mais frequente em concertos por causa de suas demandas extremas: uma orquestra gigantesca, oito solistas e três coros.

Mahler também estará nas programações da Filarmônica de Minas Gerais e da Osesp, que têm interpretado e gravado ciclos completos das sinfonias do compositor austríaco ao longo de vários anos. A sinfônica paulista toca a Quarta, em março, e as duas orquestras executarão a Nona no fim do ano — a Osesp no encerramento da temporada, em dezembro.

Outra obra comum à Filarmônica de Minas é a Osesp é o Réquiem de Verdi, que elas apresentam em concertos com uma semana de diferença em agosto. É uma das grandes obras corais da segunda metade do século XIX. Outra é “Um réquiem alemão”, de Johannes Brahms (1813-1977), que a Osesp executa em maio com regência do português Denis Sousa.

Sousa trabalhou com John Eliot Gardiner e o substituiu à frente do Coro Monteverdi e da orquestra English Ba-

roque Soloists logo depois que o célebre maestro inglês foi afastado por agredir um membro do coro. Os conjuntos que Gardiner fundou mas não mais dirige, expoentes da execução de música barroca e do período clássico, voltam a São Paulo este ano como um dos destaques da temporada de concertos internacionais da Tucça, a associação dedicada ao tratamento de crianças com câncer. Sob regência de Jonathan Sells, apresentam em novembro “Dido e Enéas”, joia operística barroca de Henry Purcell (1659-1695).

A Tucça trará ainda outro astro da escola de interpretação orientada por práticas históricas, o belga Philippe Herreweghe, que vem em maio com sua Orchestre des Champs Élysées para tocar obras de Franz Schubert (1797-1828) e Beethoven. Entre outros destaques da série estão a húngara Orquestra de Câmara Franz Liszt e o violonista israelense Shlomo Mintz.

A Orquestra de Câmara Franz Liszt faz também parte da série O Globo/Dellarte de concertos internacionais, que tem lugar no Teatro Municipal do Rio. A série carioca compartilha várias atrações com o Cultura Artística de São Paulo, como os Solistas de Câmara de Praga, em maio; o Quarteto de Cordas Dinamarqueses (ou Danish String Quartet), em junho; o astro húngaro-britânico do piano András Schiff, em setembro; e as irmãs pianistas francesas Katia e Marielle Labèque, em novembro. Além desses, a Dellarte trará outros dois nomes bastante conhecidos por gravações: o pianista norueguês Leif Ove Andsnes, em março (ele esteve em outubro no Cultura Artística), e a violonista japonesa Midori, em maio.

A temporada do Cultura Artística inclui ainda algumas estrelas vocais, como o tenor peruano Juan Diego Flórez, em setembro, e o contratador polonês Jakub Józef Orłowski, que apareceu na abertura dos Jogos Olímpicos de Paris e vem em agosto com o conjunto Il Pomo d’Oro, com o qual gravou vários álbuns barrocos. Também em agosto, a orquestra e coro Arcangelo, de Londres, interpretam sob a direção de Jonathan Cohen a Missa em si menor de Bach, uma das maiores criações musicais de todos os tempos.

Cohen faz parte do grupo de artistas que inclui Gardiner e Herreweghe e ajudou a moldar a interpretação moderna da música antiga. Outro desses músicos é o cravista e regente Richard Egarr, que dirige o programa de Semana Santa da Osesp, com a Suite Orquestral nº 3 e o Oratório da Páscoa de Bach. A expertise de maestros como Egarr, ou em anos recentes Masaaki Suzuki e Leonardo García Alarcón, contribui para os esforços de Thierry Fischer de polir a sonoridade da orquestra ao torná-la mais idiomática.

Uma parte central desse esforço sonoro de Fischer — que em dezembro teve seu contrato com a Osesp estendido em quatro anos, até 2031 — tem sido a programação de ciclos sinfônicos, que promovem um mergulho na linguagem específica de algum compositor. Depois de Jean Sibelius (1865-1957), Brahms e Tchaikovsky, este ano será a vez de Felix Mendelssohn Bartholdy (1809-1847). ■